



## FOLHA ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA  
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA  
ARAXÁ - MG

Novembro/Dezembro de 2020 nº95 Ano 16

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA  
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ  
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER

### JESUS

Divino Senhor – fez-se humilde servo da Humanidade.

Pastor Supremo – nasceu na manjedoura singela.

Ungido da Providência – preferiu chegar ao planeta, ao espesso manto da noite, para que o mundo lhe não visse a corte celestial.

Orientador nas Esferas Resplandecentes – rejubilou-se na casinha rústica de Nazaré.

Construtor do Orbe Terrestre – manejou serrotes anônimos de uma carpintaria desconhecida.

Prometido dos Profetas – escolheu a simplicidade para instituir o Reino de Deus.

Enviado às Nações – preferiu conversar com os doutores na condição de criança.

Luzeiro das Almas – consagrou longos anos à preparação e à meditação, a fim de ensinar às criaturas o caminho da redenção.

Verbo Sagrado do Princípio – submeteu-se à limitação da palavra humana para iluminar o mundo.

Sábio dos sábios – valeu-se de pescadores pobres e simples para transmitir aos homens a divina mensagem.

Mestre dos mestres – utilizou-se de cátedra da natureza, entre árvores acolhedoras e barcos rudes, disseminando as primeiras lições do Evangelho Renovador.

Majestade Celeste – viveu com infelizes e desalentados da sorte.

Príncipe do Bem – não desdenhou as vítimas do mal, amparando mulheres desventuradas e sentando-se à mesa de pecadores envilecidos.

Instrutor de Entidades Angélicas – andou com a multidão de leprosos, estropiados e cegos de todos os matizes.

Administrador da Terra – ensinou o respeito a César, consagrando a ordem e santificação à hierarquia.

Benfeitor das Criaturas – recebeu a calúnia, o ridículo, a ironia, o desprezo público, a prisão dolorosa e o inquérito descabido.

Amigo Fiel – viu-se sozinho, no extremo testemunho.

Juiz Incorruptível – não reclamou contra os falsos julgamentos de sua obra.

Advogado do Mundo – acolheu a cruz injuriosa.

Ministro Divino da Palavra – adotou o silêncio, ante a ignorância de seus perseguidores.

Dono do Poder – rogou perdão para os próprios algozes.

Médico Sublime – suportou chagas sanguinolentas.

Jardineiro de Flores Eternas – foi coroado de espinhos cruéis.

Companheiro Generoso – recebeu açoites e bofetadas.

Condutor da Vida – acei-

tou o crucifixo entre ladrões.

Emissário do Pai – manteve-se fiel a Deus até o fim.

Mensageiro da Luz Imortal – escolheu o coração amoroso e renovado de Madalena para espalhar na Terra as primeiras alegrias da ressurreição.

Mordomo dos Bens Eternos – em precisando de alguém para colaborar com os seus seguidores sinceros, busca Saulo e Tarso, o perseguidor, e transforma-o no amigo incondicional.

Coordenador da Evolução Terrestre – necessitando de trabalhadores para as missões especializadas, procura os Ananias da fé, os Estevãos do trabalho e os Barnabés anônimos da cooperação.

Missionário Infatigável da Redenção Humana – foi sempre e ainda é o maior servidor dos homens de todos os tempos e civilizações da Terra.

Recordando o Mestre Divino, convertamo-nos ao seu Evangelho de Amor, para que a sua luz nasça na manjedoura de nossos corações pobres e humildes! E, edificamos no seu exemplo, abracemos a cruz de nossos preciosos testemunhos, marchando ao encontro do Senhor, no iluminado País da Ressurreição Eterna!

André Luiz

Antologia Mediúnică do Natal  
Psicografia: Chico Xavier

#### PROGRAMA ESPÍRITA ENTRE A TERRA E O CÉU

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da  
Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM  
e pela internet  
[www.radioimbiara.com.br](http://www.radioimbiara.com.br)



### VEJA NESTA EDIÇÃO

FESTA DE NATAL - P.2  
O MAIOR SERVIDOR - p.3

FÉ E ORAÇÃO - p.4  
SÃO CHEGADOS OS TEMPOS - p.7

# FESTA DE NATAL

(Sociedade Espírita de Tours, 24 de dezembro de 1862 – Médiun: Sr. N...)

Esta é a noite em que, no mundo cristão, se festeja a Natividade do Menino Jesus. Mas vós, meus irmãos, deveis também vos alegrar e festejar o nascimento da nova Doutrina Espírita. Vê-la-eis crescer como esta criança; como ele, ela virá esclarecer os homens e mostrar-lhes o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem também a esta doutrina pedir o socorro que já não encontram nas idéias antigas. Não mais vos trarão incenso e mirra, mas se prosternarão de coração ante as idéias novas do Espiritismo. Já não vedes brilhar a estrela que os deve guiar? Coragem, pois, meus irmãos, coragem; em breve podereis, com o mundo inteiro, celebrar a grande festa da regeneração da Humanidade.

Meus irmãos, durante muito tempo encerrastes no coração o germe desta doutrina; mas eis que hoje ele se manifesta em plena luz com

o apoio de um tutor solidamente plantado e não deixará que se verguem seus frágeis ramos. Com esse suporte providencial, crescerá dia a dia e tornar-se-á a árvore da criação divina. Dessa árvore colhereis frutos, não só para vós, mas para os vossos irmãos que tiverem fome e sede da fé sagrada. Oh! então apresentai-lhes esse fruto e gritai-lhes do fundo do coração: “Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso Espírito e alivia as nossas dores físicas e morais.”

Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levedar o primeiro germe; que esse germe cresceu e que já se tornou uma árvore capaz de dar frutos. Resta-vos algo a utilizar: são os galhos que podeis transplantar; antes, porém, vede se o terreno no qual confiais esse germe não oculta sob sua camada aparente algum verme roedor, que poderia devorar aquilo que o Mestre vos confiou.

## Siga a Folha

<http://twitter.com/FolhaCaixeta>

twitter



Assinado: São Luís  
Revista Espírita  
Abril de 1863  
Allan Kardec

## Em plena era nova

Cap. XVIII – Item 9

Há criaturas que deixaram, na Terra, como único rastro da vida robusta que usufruíam na carne, o mausoléu esquecido num canto ermo de cemitério.

Nenhuma lembrança útil.

Nenhuma reminiscência em bases de fraternidade.

Nenhum ato que lhes recorde atitudes com padrões de fé.

Nenhum exemplo edificante

nos currículos da existência.

Nenhuma ideia que vencesse a barreira da mediocridade.

Nenhum gesto de amor que lhes granjeasse sobre o nome o orvalho da gratidão.

A terra conservou-lhes, à força, apenas o cadáver – retalho de matéria gasta que lhes vestira o espírito e que passa a ajudar, sem querer, no adubo às ervas bravas.

Usaram os empréstimos do Pai Magnânimo exclusivamente para si mesmos, olvidando estendê-los aos companheiros de evolução e ignorando que a verdadeira alegria não vive isolada numa só alma, pois que somente viceja com reciprocidade de vibrações entre vários grupos de seres amigos.

Espíritas, muitos de nós já vivemos assim!

Entretanto, agora, os tempos são outros e as responsabilidades surgem maiores.

O Espiritismo, a rasgar-nos nas mentes acanhadas e entorpecidas largos horizontes de ideal superior, nos impele para frente, rumo aos Cimos da Perfectibilida-

de.

A Humanidade ativa e necessitada, a construir seu porvir de triunfos, nos conclama ao trabalho.

O espírito é um monumento vivo de Deus – o Criador Amável.

Honremos a nossa origem divina, criando o bem como chuva de bênçãos ao longo de nossas próprias pegadas.

Irmãos, sede vencedores da rotina escravizante.

Em cada dia renasce a luz de uma nova vida e com a morte somente morrem as ilusões.

O espírito deve ser conhecido por suas obras.

É necessário viver e servir.

É necessário viver, meus irmãos, e ser mais do que pó!

Eurípedes Barsanulfo

*O Espírito da Verdade*

Chico Xavier e Waldo Vieira

## Banca do Livro Espírita “Chico Xavier”

Segunda à sexta - 9h às 18h

Sábados - 10h às 12h

Av. Antônio Carlos s/n.

Araxá/MG

2



### Folha Espírita Francisco Caixeta

Editado pela

Associação Espírita  
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins  
Fábio Augusto Martins  
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802  
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão:  
Grupo editorial  
Tiragem: Digital

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

## O maior servidor

Presente à reunião familiar, Filipe, em dado instante, perguntou ao Divino Mestre: — Senhor, qual é o maior servidor do Pai entre os homens na Terra? Jesus refletiu alguns minutos e contou: — Grande multidão se congregava em extenso campo, quando aí estacionou famoso guerreiro carregado de espadas e meda-lhas, que passou a dar lições de tática militar, concitando os circunstantes ao aprendizado da defesa. O povo começou a fazer exercícios laboriosos, dando saltos e entregando-se a perigosas corridas, sem proveito real; todavia, continuou como dantes, sem rumo e



**É necessário:  
Ler Kardec!  
Estudar Kardec!  
Sentir Kardec!  
Viver Kardec!**

### ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA

#### “FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802  
38183-122 Centro Araxá/MG

#### **Segunda-feira às 19h30**

Reunião aberta ao público  
O Livro dos Espíritos/Passes

#### **Terça-feira às 19h15**

Reunião fechada ao público  
Reunião mediúnica

#### **Quarta-feira às 19h30**

Reunião aberta ao público  
O Evangelho Segundo o Espiritismo/  
Passes

Evangelização da infância e juventude

#### **Quinta-feira às 19h15**

Reunião fechada ao público  
Reunião mediúnica

#### **Sexta-feira às 19h30**

Reunião aberta ao público  
O Evangelho Segundo o Espiritismo/  
Passes

#### **Sábado às 18h**

Grupo de Estudo das Obras de Kardec

#### **Domingo às 18h**

Reunião aberta ao público  
Grupos de Estudos da Doutrina  
Revista Espírita e Obras de André Luiz

**•Salve o trabalho, viva o amor!•**

Zequinha Ramos

sem júbilo, perdendo muitos jovens nas atividades preparatórias de guerra provável. Logo depois, apareceu na mesma região um grande político, com pesada bagagem de códigos, e dividiu a massa em vários partidos, declarando-se os moços contra os velhos, os lares pobres contra os ricos, os servos contra os mordomos, e, não obstante a sementeira de benefícios materiais, introduzidos na zona pela competição dos grupos entre si, o político seguiu adiante, deixando escuros espinheiros de ódio, desengano e discórdia entre os seus colaboradores. Depois dele, surgiu um filósofo, sobraçando volumosos alfarrábios e dividiu o povo em variadas escolas de crença que, em breve, propagavam infrutíferas discussões nos círculos de toda gente; a multidão duvidou de tudo, até mesmo da existência de si própria. A filosofia, sem dúvida, apresentava singulares vantagens, destacando-se a do estímulo ao pensamento, mas as perturbações de que se fazia acompanhar eram das mais lastimáveis, legando o filósofo muitas indagações inúteis aos cérebros menos aptos ao esforço de elevação. Em seguida, compareceu um sacerdote, munido de roupagens e símbolos, que forneceu muitas regras de adoração ao Pai. O povo aprendeu a dobrar os joelhos, a lavar-se e a suplicar a proteção divina, em horas certas. Entretanto, todos os problemas fundamentais da comunidade permaneceram sem alteração. No extenso domínio, não havia diretrizes ao trabalho, nem ânimo consciente, nem valor, nem alegria. A doença e a morte, a necessidade e a ignorância eram fantasmas de toda a gente. “Certo dia, porém, apareceu ali um

homem simples. Não trazia armas, nem escrituras, nem discussões e nem imagens, mas pelo sorriso espontâneo revelava um coração cheio de bondade, guiando as mãos operosas. Não pregava doutrinas espetacularmente; todavia, nos gestos de bondade pura e constante, rendia culto sincero ao Todo-Poderoso. Começou a evidenciar-se, lavrando uma nesga do campo e adornando-a de flores e frutos preciosos. Conversava com os seus companheiros de luta, aproveitando as horas no ensinamento fraterno e edificante e transmitia suas experiências a todos os que se propusessem ouvi-lo. Aperfeiçoou a madeira, plantou árvores benfeitoras, construiu casas e instalou uma escola modesta. Em breve, ao redor dele, viçavam a saúde e a paz, a fraternidade e as bênçãos do serviço, a prosperidade e o contentamento de viver. Com o espírito de trabalho e educação que ele difundia, a defesa era boa, a política ajudava, a filosofia era preciosa e o sacerdócio era útil, porque todas as ações, no campo, permaneciam agora presididas pelo santo imperativo da execução do dever pessoal no bem de todos. Calou-se o Cristo, mas a assistência reduzida não ousou qualquer indagação. Após contemplar o horizonte longínquo, em longos instantes de pensamento mudo, o Mestre terminou: — Em verdade, há muitos trabalhadores no mundo que merecem a bênção do Céu pelo bem que proporcionam ao corpo e à mente das criaturas, mas aquele que educa o espírito eterno, ensinando e servindo, paira acima de todos.

Neio Lúcio

Item 7 do livro Jesus no Lar  
Psicografia de Chico Xavier

# FÉ E ORAÇÃO

Por Lindberg Garcia

Há algum tempo, relendo a revista Reformador, editada pela Federação Espírita Brasileira, deparei-me com dois casos ilustrativos do valor da oração e a fé de quem ora para si, ou para outrem. Tentarei resumi-los.

O primeiro caso, fala de um Reverendo muito respeitado pelos moradores da sua paróquia e o consideravam um homem de grande fé. A região em que se passa a história, estava sendo assolada por uma longa seca que ameaçava a perda das lavouras da região. Os lavradores da terra e a população da cidade, procuraram o reverendo para que dirigisse um culto especial, rogando a Deus para que chovesse e frutificasse as sementes lançadas à terra. Marcado o evento, a igreja da cidade superlotou de fiéis. O velho Reverendo, cabeça encanecida, olhos percucientes, subiu ao púlpito observando o público que ali comparecia para o ato de fé a que fora solicitado, render graças ao Senhor para que a chuva viesse e salvasse as plantações daquela região. Antes de iniciar as orações, depois de bem observar os devotos que compareciam a sua igreja, subiu ao púlpito, procurou com um lance de olhar observar a todos os seus paroquianos, respirou fundo e com a voz grave, dirigiu-se aos crentes que aguardavam ansiosamente o início das prédicas.

Ah! ... homens de pouca fé, vêm à minha igreja pedir chuvas, onde estão os guarda-chuvas? Não os trouxeram?

Para que dizer mais, falou a realidade, respondeu a descrença. Orar, é pois, eminentemente um ato de fé, que o Reverendo não conseguiu sentir em seus paroquianos. Parece que apenas o Reverendo, naquela igreja, professava a fé.

O segundo caso, fala de um farmacêutico de uma cidadezinha, do tempo em que os remédios eram manipulados na própria farmácia. Muito atencioso com a sua clientela, a todos atendia com atenção e presteza. Criterioso, se esmerava nos cuidados na manipulação dos ingredientes dos medicamentos que lhes eram solicitados. Determinado dia, os pedidos foram tantos que o velho farmacêutico, ao fim do dia, se encontrava extenuado e abatido. O cansaço minava-lhe as forças físicas. Aguardava ansiosamente a hora de retirar-se do trabalho. Estava em seu laboratório fazendo a limpeza das vidrarias e do material de manipulação quando ouviu a campainha do balcão anunciar um novo cliente. Talvez, pela dura faina a que se expusera na-

quele pesado dia, um cliente àquela adiantada hora lhe retardaria o retorno ao lar, destilou, de si para si, todo o mau humor que o cansaço se lhe impusera:

– Ora, logo agora que estou para fechar me aparece alguém a procura de alguma panaceia para seu males. Não sei por que não veio mais cedo, ou deixasse para amanhã durante o expediente normal. Enfim vou ver quem é.

Sai do laboratório e caminha até o balcão. Encontra uma menina, que apressada lhe solicita um remédio para sua mãe. Irritado, diz à pequena cliente.

– Deixe a receita comigo que amanhã avio a fórmula e você poderá buscá-la.

Aflita e chorosa, a menina lhe fala da urgência da necessidade do seu pedido.

– Senhor farmacêutico, é urgente que eu leve o remédio para minha mãezinha que está muito mal. Se ela não tomar imediatamente a poção, poderá morrer. Por favor, me atenda, a vida de minha mãezinha está em suas mãos. Me faça essa caridade, lhe suplico. Minha mãezinha não tem ninguém mais para socorrê-la, a não ser o senhor.

O velho farmacêutico, embora contrariado, serena o coração e acede ao pedido da sua pequena cliente, pega a receita e antes de se retirar para o laboratório diz à menina.

– Aguarde um pouco que já volto com o remédio.

Passado alguns minutos volta com o frasco por ele manipulado e o entrega à pequena cliente, que agradecida sai apressada em direção da sua casa, não longe dali. Ao voltar à rotina interrompida, percebe que se enganara e manipulara, por descuido, um potente veneno. Horrorizado exclama na solidão do seu laboratório.

– O que fiz àquela pobre mulher, se ela tomar do frasco que entreguei à sua filhinha, com certeza morrerá. Meu Deus, eu que não sou muito de orar, lhe suplico que não permita àquela pobre mulher tomar do remédio que entreguei para a filhinha. Por misericórdia, me atenda, prometo que nunca mais vou descurar de meu trabalho como acabo de fazer.

O velho farmacêutico se debulhava em lágrimas sentidas, quando ouviu novamente a campainha soar novamente. Aflito se dirigiu-se novamente ao balcão de atendimento. Surpreso, identificou novamente a menina que a pouco atendera e novamente lhe diz aflito.

– Senhor farmacêutico, por favor, me atenda de novo. Na pressa em levar o remédio para minha mãezinha, tropecei em uma pedra no caminho

Continua... **4**

e cai ao chão deixando escapar o vidro do remédio, que foi ao chão e se quebrou. Por caridade, me forneça outro frasco do remédio para minha mãezinha.

O farmacêutico, agora com uma expressão de alívio, diz à pequena cliente.

– Minha filha, que bom que você voltou, espere um pouco que vou manipular outro frasco do remédio da sua mãe.

Dai a pouco, volta do laboratório e o entrega à menina, que sai apressada da farmácia, para levar o remédio para a mãezinha doente. O farmacêutico fica olhando a menina andar apressada na rua até desaparecer de suas vista. Na solidão da noite, recluso agora em seu laboratório, faz uma prece de agradecimento.

– Deus misericordioso, seus desígnios infundáveis me impediu de um erro fatal, do qual jamais me perdoaria. A Vossa misericórdia socorreu esse pobre farmacêutico, que nem mesmo acreditava em orações e petições. Doravante serei outro homem transformado na fé da Sua graça.

Que ensinamentos podemos tirar dessas duas histórias? Jesus nos assevera, no *Evangelho de Mateus*, XVII: 14 a 19, que “Porque na verdade vos digo, que se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: Passa daqui para acolá, e ela há de passar, e nada vos será impossível”. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. 19, item 6, Kardec faz o segundo comentário; “A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver, é necessário sobretudo compreender”.

Leon Denis, no livro, *O Grande Enigma*, ensina que; “Orar é voltar-se para o ser eterno, é expor-lhe nossos pensamentos e nossas ações, para os submeter à Sua lei e fazer da Sua vontade a regra da nossa vida; é achar por esse meio, a paz do coração, a satisfação da consciência”.

Mesmo diante desses ensinamentos há pessoas que colocam em dúvida a necessidade de orar, dizendo que Deus é onisciente, sabe de nossas necessidades, e portanto não precisamos de endereçarmos ao Criador nenhum pedido, pois seremos atendidos de qualquer forma. Uma dúvida que até poderia parecer razoável, entretanto, Tomás de Aquino nos ensina que; “Pretender que a oração seja inútil é o mesmo que afirmar que se pode chegar a qualquer parte sem caminhar”.

Clara a observação do pensador. Sim, Deus é onipresente, tudo sabe a nosso respeito e não é sem razão que o Apóstolo Paulo, em *Atos*, 17: 28, nos remete a essa grande realidade

da vida; “Em Deus existimos e em Deus nos movemos”. Portanto, Deus não está em um lugar pré-determinado no espaço a orquestrar as maravilhas do Universo que criou. O Pai celestial está em todo lugar, na sua gloriosa onipresença nos envolvendo amorosamente, pois “em Deus nos movemos”, e, felicidade suprema, está dentro de nós, na intimidade de cada célula do nosso corpo físico e de nosso corpo espiritual, pois “Em Deus existimos”.

Assim, nossas preces estão envolvidas pelo Pai celestial, como também O temos dentro de nós. “É lógico que o Senhor não espera nossas rogativas para nos amar; no entanto, é indispensável nos colocarmos em determinada posição receptiva, a fim de compreender-Lhe a infinita bondade”, conforme orientação do Espírito André Luiz, no livro *Nosso Lar*, psicografado pelo nosso querido e saudoso Chico Xavier.

Orar, portanto, é um diálogo com o Criador que vive em nós e nele vivemos. Seria conveniente trazer para o leitor, a definição de Ivone A. Pereira, no livro, *O Cavaleiro de Numiers*, sobre esse tema tão recorrente às pessoas, independentemente da crença religiosa que professe, ei-la; “Sabeis o que é a prece? É uma irradiação protetora que nasce do coração amoroso, sobe até Deus em súplicas veementes e desce em benefícios até por quem se pede, ou a quem deseja proteger. É um frêmito de amor sublime que se expande, toca o infinito, transfunde-se em bênçãos, ornamenta-se de virtudes celestes e derrama-se em eflúvios sobre aquele que sofre. A prece é o amor que beija o sofrimento e o consola, é a caridade que envolve o infortúnio e reanima o sofredor, retemperando-lhe as energias”.

Orar, portanto, é sobretudo, um ato de amor, não carece de genuflexões, de palavras rebuscadas e independe do lugar onde se esteja. Tanto faz que as orações sejam feitas em um templo, na intimidade do lar, na rua, no local de trabalho, no lazer de um clube, em uma reunião de trabalho. A prece nascida do coração sincero, para si, ou para o seu semelhante, sempre será ouvida pelo Altíssimo. Ensina Jesus no *Evangelho de Mateus*, “Batei à porta e se vos abrirá”.

Algumas famílias conservam o hábito dos filhos pedirem a benção aos pais pela manhã, quando se veem pela primeira vez no dia e a noite quando se recolhem para dormir. Aquele, “Deus te abençoe”, que recebem como resposta, é uma prece sincera e fervorosa, pois expressa um desejo de carinho e amor dos pais abençoando os filhos. O mesmo se dá quando ao irem para a escola,

ou para o trabalho, aquele “Vá com Deus, Deus te acompanhe, Deus te proteja,” são preces ditas do fundo da alma, pela mãe, pelo pai, ou um amigo, desejando a proteção daquele a quem se devota amor.

Nos assevera Kardec em comentário à questão 662, em *O Livro dos Espíritos* que, “O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir pensamentos e dar força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale”.

Orações intermináveis, muito longas, principalmente em ambiente público, devem ser evitadas, pois correm o risco de fugirem da objetividade da prece e até mesmo tornarem-se enfadonhas a quem as escutam. Contou-me um amigo das lides espíritas, Gil Restani, que infelizmente não mais se encontra entre nós, um grande expositor da doutrina, que certa ocasião, convidado para uma palestra em um Centro Espírita da Capital, presenciou um fato inusitado. Narrou-me ele, que iniciada as atividades da noite o dirigente da reunião, levantou-se e perguntou se alguns dos irmãos gostaria de fazer a prece inicial. De imediato, um dos presentes ofereceu-se para atender ao chamamento do dirigente. Era um senhor já de meia idade, os cabelos bem grisalhos lhe emprestava um ar de respeitabilidade. Pôs-se de pé, fechou os olhos e iniciou a sua prece. Passado os minutos iniciais, a que geralmente dura a prece que abre os trabalhos, ele continuou os rogatórios que entendia ser a sua oração. O dirigente da reunião, notando a alongada oração, que já se passava em muito o tempo usual observado pela programação da casa, educadamente tentou avisar ao voluntário da prece, que a encerrasse. Inútil, parecia que o homem estava tão entregue aos rogos e petítorios, que pareceu não ter ouvido o pedido que lhe fora dirigido pelo dirigente, encerrar a prece, agora já não tanto inicial. Uma, duas e tantas vezes mais, não conseguiu demover o rezador para encerrar a sua prece. Gil me narrou, que a medida que tempo escoava, chegou a preocupar-se, pois lhe sobraria pouco tempo para a sua exposição. E o compungido rezador, continuava insistentemente na sua imprecação interminável. A essa altura, depois de mais de 20 minutos de prédicas, as pessoas foram se retirando discretamente da reunião, até que se restaram uns poucos presen-

tes. Foi aí que o dirigente, que já havia tentado por várias vezes interromper a longuíssima peroração, levantou-se da mesa, foi até o irmão na doutrina e gentilmente colocou-lhe a mão no ombro e disse-lhe respeitosamente;

– Meu irmão, Deus já ouviu todos os seus pedidos, agora, por favor, deixe que nós façamos os nossos.

Resultado, o Gil fez a sua palestra para os cinco últimos presentes que restaram no recinto do Centro. Disse-me ele, que aquele caso ajudou-o a exercitar a paciência e ser auxiliado pela espiritualidade amiga a desenvolver o tema da noite, nos trinta minutos restantes da reunião.

Fato assim acontecido, não comporta nenhuma crítica aquele que abre o seu coração no ato de orar. No caso específico, nota-se que faltou orientação ao irmão que fez a prece inicial, que acabou por ser imprópria para a ocasião e enfadonha para os demais participantes que esperavam pelo tema da noite. Todavia, trata-se de um caso isolado, incomum.

Cito-o aqui, apenas como exemplo de quando a oração deve ser objetiva, breve, quando dita em determinadas ocasiões, e outras, que são reservadas ao íntimo das pessoas, cuja duração não há limite de tempo.

Seria útil, complementarmos a presente crônica, transcrevendo aqui, a observação de Kardec, à questão 660, em *O Livro dos Espíritos*: “O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas supõem que todo o mérito está na longura da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca porém, um estudo de si mesmas. A ineficácia, em tais casos, não é o remédio, sim da maneira por que o aplicam”. Nesse diapasão, vamos encontrar no *Evangelho de Mateus*, 6, v. 7, a lição de Jesus, “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que presumem que por muito falar serão ouvidos”.

A prece, é, pois, um exercício, em que o pensamento e a vontade ultrapassa os limites do eu psíquico para aproximar-se daquele a quem se busca auxílio e proteção. Se dita com a sinceridade do coração, com a honestidade da alma, alcança a entidade a qual ora, inspira-lhe bons pensamentos, fortalecendo-lhe o corpo e o espírito, dando-lhe forças para superar as tribulações por que passa.

“Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes”, ensina Jesus no *Evangelho de Marcos*, XI, v. 24. Graças a Deus!

# SÃO CHEGADOS OS TEMPOS

Por Carlos Humberto Martins

Os Espíritas dos anos 1.970, sabem que nesta época os Espíritos Superiores já diziam que “Os tempos chegarão, ou estão chegando”. Dentro desta ótica, eles estavam dizendo que o ápice da transição planetária estava chegando. Nossos pais em suas conversas edificantes sobre a Doutrina Espírita, em muitas ocasiões comentavam que os Espíritos Mentores da Casa, estavam alertando o grupo de encarnados das reuniões mediúnicas do Centro Espírita Francisco Caixeta, sobre o tema da Transição Planetária. Que deveriam se preparar para as turbulências que a Humanidade iria começar a passar mais intensamente.

Sabemos que o processo de transição planetária havia iniciado aproximadamente com o advento do Espiritismo, ou seja, em 1.857, mas que aos poucos iria aumentando de intensidade. Pois, que a hora da colheita havia chegado, isto é, aqueles Espíritos que estão com a intenção de melhorar e realmente buscar esta melhora, estariam fazendo a sementeira do bem. E, automaticamente, estariam iniciando o processo de transformação moral.

“São chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da humanidade. Em que sentido se devem entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, nenhuma importância têm; aos seus olhos, nada mais exprimem que uma crença pueril, sem fundamento. Para a maioria dos crentes, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadores da subversão das leis da natureza. São igualmente errôneas ambas essas interpretações: a primeira, porque envolve uma negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas o cumprimento dessas leis.

“Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma providência que não se desmente, nem nas menores, nem nas maiores coisas.”...<sup>1</sup>

Kardec no livro *A Gênese*, nos mostra, que realmente a espiritualidade superior havia nos alertado sobre a mudança de ciclo no Planeta Terra.

Estas mudanças, conforme foram anunciadas, não são em relação as grandes catástrofes, terremotos, enchentes, etc., mas, sim, comportamentais.

No presente, estamos vivenciando a pandemia da Covid 19, que é um período em que toda a humanidade está buscando formas novas de convivência, estamos isolados uns dos outros, reaprendendo a viver e a higienizar nossos corpos diferentemente do tradicional, com mais selo e cuidados que antes nós não tínhamos.

Sabemos que esse processo de mudança de comportamentos, não acontece com a totalidade da população, existe uma grande resistência, inclusive em relação à ciência. Muitos Espíritos encarnados e

desencarnados não querem a mudança, gostam do jeito como estávamos a viver, estão acomodados.

Esses a nosso ver, são aqueles que sempre negaram Jesus e são rebeldes.

A pandemia, violência, corrupção e essa situação toda em que vivemos vieram, exatamente, para aguçar e mostrar os diferentes, e com isso realizar a transição, que será por meio de nossas escolhas.

Quais escolhas devemos fazer?

São exatamente entre o bem e o mal.

À medida em que temos o cuidado com nossos corpos, através do distanciamento, usando máscaras, higienizando as mãos, estamos por meio desses atos nos protegendo e protegendo o nosso próximo. Esta atitude é uma escolha no bem. O oposto, não importando com o distanciamento, buscando aglomerações e, portanto, mantendo as mesmas formas de viver antes da pandemia, é uma escolha que não protege a nós mesmos e muito menos o próximo, assim é uma escolha no mal.

Estas atitudes nos mostra se estamos aprendendo a amar o nosso próximo como a nós mesmos. Conforme Jesus nos ensina.

Uma simples atitude no cotidiano, como a não violência, não à corrupção nos mostra se estamos fazendo as escolhas no bem ou no mal, buscando a regeneração ou não.

A transformação moral acontece nos pequenos gestos de boas ações. Não são em grandes eventos, em calamidades, quando a sociedade tende a ficar mais sensível com a dor do próximo. Nesses momentos é mais fácil a nossa consternação e, automaticamente, praticarmos atos generosos.

O difícil é em nosso dia a dia, no lar, no ambiente de trabalho, no Centro Espírita (*online* ou físico), no lazer, com nossos familiares, ou seja, com os pais, filhos, mães e todos aquelas pessoas de nosso convívio, sermos bons de fato e de verdade.

Ao acontecer no cotidiano, estamos nos esforçando para tornarmos verdadeiramente melhores, bons de coração. Conforme Jesus nos ensina.

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons vencerem sobre os maus. Então, farão nela reinar o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá, sobre a Terra, os bons Espíritos e dela afastará os maus. Mas os maus não a deixarão senão quando dela forem banidos o orgulho e o egoísmo.

“A transformação da Humanidade foi predita e atingis esse momento, que apressa todos os homens que ajudam o progresso. Ela se cumprirá pela encarnação de Espíritos melhores, que constituirão sobre a Terra uma nova geração...”<sup>2</sup>

Jesus nos abençoe!

<sup>1</sup> KARDEC, A. *A Gênese*. Cap. XVIII – itens 1 e 2.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_ *O Livro dos Espíritos* – Q.1018.



## DISCURSO DE VICTOR HUGO JUNTO AO TÚMULO DE UMA JOVEM

(...) “Em algumas semanas ocupamo-nos de duas irmãs: casamos uma e sepultamos a outra. Eis o perpétuo tremor da vida. Inclinem-nos, meus irmãos, ante o severo destino.

“Inclinem-nos com esperança. Nossos olhos não foram feitos para chorar, mas para ver; nosso coração não foi feito para sofrer, mas para crer. A fé numa outra existência nasce da faculdade de amar. Não o esqueçamos: nesta vida inquietada e apaziguada pelo amor, é o coração quem crê. O filho conta encontrar a seu pai; a mãe não consente em perder para sempre o filho. Esta recusa do nada é a grandeza do homem.

“O coração não pode errar. A carne é um sonho; ela se dissipa. Se esse desaparecimento fosse o fim do homem, tiraria à nossa existência toda sanção. Não nos contentamos com esta fumaça que é a matéria; precisamos de uma certeza. Quem quer que ame, sabe e sente que nenhum dos pontos de apoio do homem está na Terra. Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria o seu suplício. O paraíso seria o inferno. Não! digamos bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração necessita da alma. “Há um coração neste féretro, e esse coração está vivo. Neste momento ele escuta minhas palavras.

“Emily de Putron era o doce orgulho de uma família respeitável e patriarcal. Seus amigos e parentes tinham por deleite sua graça e por festa seu sorriso. Ela era como uma flor de alegria a desabrochar na casa. Desde o berço era cercada de todas as ternuras; cresceu feliz e, recebendo felicidade, dava felicidade; amada, amava. Ela acaba de partir. “Para onde foi? Para a sombra? Não.

“Nós é que estamos na sombra. Ela está na aurora.

“Ela está na glória, na verdade, na realidade, na recompensa. Essas jovens mortas, que não fizeram nenhum mal na vida, são bem-vindas do túmulo, e sua cabeça se ergue suavemente fora da sepultura, para uma coroa misteriosa. Emily de Putron foi buscar no céu a serenidade suprema, complemento das existências inocentes. Ela se foi: juventude, para a eternidade; beleza, para o ideal; esperança, para a certeza; amor, para o infinito; pérola, para o oceano; Espírito, para Deus.

“Vai, alma!

“O prodígio desta grande partida celeste, que chamam morte, é que os que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas as-

sistem, como testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Estão no alto, e muito perto. Ó, quem quer que sejais, que vistes desaparecer na tumba um ente querido, não vos julgueis abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais que nunca. A beleza da morte é a presença. Presença inexprimível das almas amadas, sorrindo aos nossos olhos em lágrimas. O ser chorado desapareceu, mas não partiu. Não mais percebemos o seu rosto suave... Os mortos são os invisíveis, mas não estão ausentes.

“Rendamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um aniquilamento, uma cilada. É um erro acreditar que tudo se perde na obscuridade desta fossa aberta. Aqui tudo reaparece. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma retoma o infinito; aqui ela readquire a sua plenitude; aqui entra na posse de sua misteriosa natureza; liberta-se do corpo, liberta-se da necessidade, liberta-se do fardo, liberta-se da fatalidade. A morte é a maior das liberdades. É, também, o maior dos progressos. A morte é a ascensão de tudo o que viveu em grau supremo. Ascensão fascinante e sagrada. Cada um recebe o seu aumento. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquele que na Terra só foi honesto torna-se belo; o que foi apenas belo torna-se sublime; o que só foi sublime torna-se bom.

“E agora, eu que falo, por que estou aqui? o que é que trago a esta fossa? com que direito venho dirigir a palavra à morte? Quem sou eu? Nada. Engano-me, sou alguma coisa. Sou um proscrito. Exilado pela força ontem, exilado voluntário hoje. Um proscrito é um vencido, um caluniado, um perseguido, um ferido do destino, um deserdado da pátria. Um proscrito é um inocente sob o peso de uma maldição. Sua bênção deve ser boa. Eu abençôo este túmulo.

“Abençôo o ser nobre e gracioso que está nesta fossa. No deserto encontram-se oásis; no exílio encontram-se almas. Emily de Putron foi uma dessas encantadoras almas encontradas. Venho pagar-lhe a dívida do exílio consolado. Eu a abençôo na profundidade da sombra. Em nome das aflições sobre as quais ela resplandeceu docemente, em nome das provações do destino, para ela acabadas, para nós continuadas; em nome de tudo o que ela esperou outrora e de tudo o que obtém hoje, em nome de tudo o que ela amou, abençôo esta morte, abençôo-a na sua grandeza, na sua juventude, na sua ternura, na sua vida e na sua morte; abençôo-a na sua branca túnica sepulcral, na sua missão que deixa desolada, no seu caixão, que sua mãe encheu de flores e que Deus vai encher de estrelas!” (...)